

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - ESCOLA DE GESTORES

**FATORES EXTERNOS E INTERNOS QUE INFLUENCIAM
NO RENDIMENTO ESCOLAR**

Aluna: Zenaide Maia

Orientadora: Ana Paula de Castro

Curitiba, fevereiro de 2010.

FATORES EXTERNOS E INTERNOS QUE INFLUENCIAM NO RENDIMENTO ESCOLAR

Zenaide Maia¹

RESUMO

Este artigo pretende, através de revisão de literatura, abordar alguns fatores externos e internos que influenciam no rendimento escolar de alunos das escolas públicas do país. A partir dos resultados obtidos pelos indicadores de qualidade em educação utilizados pelo MEC, pode-se constatar em números reais, o que o cotidiano das escolas já revelava um quadro bastante desfavorável de rendimento escolar em praticamente todas as escolas públicas do país. Algumas variáveis de rendimento foram observadas e serviram de suporte para o trabalho, no sentido de compreender quais fatores são determinantes para um melhor ou pior desempenho escolar e se realmente há relação entre estes fatores e os resultados obtidos pelas escolas que passaram pela avaliação do MEC. Partiu-se da necessidade da própria autora em desvelar o fenômeno do baixo rendimento escolar verificado na instituição de ensino na qual trabalha há dezoito anos, sendo oito destes como gestora. O trabalho aqui descrito tem como principal suporte teórico as pesquisas realizadas pelo filósofo francês Bernard Charlot sobre a relação entre a origem social e o sucesso ou fracasso escolar. Charlot (1996) afirma que jovens que têm a mesma condição de existência e vivem as mesmas condições sociais não têm todos a mesma relação com o saber. Assim, podemos entender que fatores externos, como exclusão social e família e internos, como sendo a própria estrutura da escola, delimitados neste estudo, influenciam no rendimento escolar, mas que o determinante no sucesso ou fracasso escolar é também a relação singular do sujeito com o saber. Ou seja, as relações sociais alicerçam as relações com o saber e com a escola, mas não a determinam.

PALAVRAS-CHAVE: rendimento escolar; exclusão social; família; escola.

ABSTRACT

This article intends, through literature revision, to approach some external and internal factors that influence in the pertaining to school income of pupils of the public schools of the country. From the results gotten for the pointers of quality in education used by the MEC, it can be evidenced in real numbers, the one that the daily one of the schools already disclosed, a sufficiently favorable picture of pertaining to school income in practically all the public schools of the country. Some 0 variable of income had been observed and had served of support for the work, in the direction to understand which factors they are determinative for the one best one or worse pertaining to school performance and if really has relation

¹ Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Gestão Pública da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora mestre Ana Paula Pádua Pires de Castro - 2009

between these factors and the results gotten for the schools that had passed for the evaluation of the MEC. It was broken of the necessity of the proper author in desvelar the phenomenon of the low verified pertaining to school income in the education institution in which it works has eighteen years, being eight of these as manager. The here described work has as main theoretical support the research carried through for the French philosopher Bernard Charlot on the relation between the social origin and the pertaining to school success or failure. Charlot (1996) affirms that young that they have the same condition of existence and live the same social conditions do not have all the same relation with knowing. Thus, we can understand that factors external, as social exclusion and family and interns, as being the proper structure of the school, delimited in this study, they influence in the pertaining to school income, but that determinative in the pertaining to school success or the failure it is also the singular relation of the citizen with knowing. That is, the social relations alicerçam the relations with knowing and the school, but they do not determine it.

Keywords: pertaining to school income; social exclusion; family; school.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende desvelar através de revisão bibliográfica, os fatores externos e internos que na contemporaneidade vem influenciando o rendimento escolar dos alunos da rede pública de educação do Brasil. Este trabalho, embora se proponha a realizar uma revisão da literatura produzida sobre o tema, em muito revela a experiência vivenciada pelo autor em dezoito anos como educadora em uma mesma escola pública de periferia do interior do estado do Paraná, sendo oito deles no cargo de gestora.

Inúmeros são os estudos que buscam desvendar as causas do baixo rendimento escolar apresentado pelos estudantes das escolas públicas brasileiras. Esta triste realidade, embora já conhecida pelos educadores, atualmente aparece traduzida em números acessíveis a todos, através dos indicadores de qualidade implantados pelo governo que se viu pressionado pelas políticas neoliberais do Banco Mundial.

Um destes indicadores é o IDEB (Índice de Desenvolvimento do Ensino Básico) que é resultante do trinômio, índice de evasão, aprovação x reprovação e resultado do Prova Brasil, aplicada a cada dois anos nas séries finais do segundo e quarto ciclos do Ensino Fundamental.

Foi este indicador que nos colocou em último lugar no ranking das escolas públicas do nosso município, com um IDEB de 3,2, em uma escala que vai de 0 a 100, sendo a meta perseguida de 6,0, que é a média dos países desenvolvidos.

Mesmo antes destes números, nossas reflexões nos levavam a busca das razões que nos colocam em tal situação. Porém, após a divulgação dos índices procuramos de maneira sistêmica entender este fenômeno, que apesar da nossa boa vontade não nos permite avançar.

Assim surgiu este trabalho que traz muito da experiência vivenciada, acrescido da pesquisa de outros autores sobre o tema. Nesta reflexão, procurou-se além de relevar estes fatores externos e internos que influenciam no rendimento escolar, encontrar possíveis soluções para melhorar a realidade atual.

Desta forma procurou-se delimitar os estudos em fatores externos, destacando-se as desigualdades sociais e a família e fatores internos, como sendo a própria estrutura da escola.

Charlot (2000) afirma que “A conjugação de problemas sociais vividos pelos alunos e suas famílias, associado ao baixo desempenho na escola, resulta no fracasso escolar.”.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 FATORES EXTERNOS

2.1.1 FATORES EXTERNOS DO RENDIMENTO ESCOLAR

Os fatores externos ao ambiente escolar têm grande relevância no rendimento dos alunos, pois se torna impossível dissociar as experiências vivenciadas fora da escola com a vida escolar.

Mesmo Piaget (1974) que concentrou seus estudos no desenvolvimento da inteligência como fator interno em cada indivíduo, não descartou a influência do ambiente no desenvolvimento cognitivo da criança.

Já para Vygotsky (1987), o ambiente social é a fonte de modelos dos quais as construções devem se aproximar. É a fonte do conhecimento socialmente construído que serve de modelo e media as construções do indivíduo.

A aprendizagem e o desenvolvimento são adquiridos por modelos e, claro, pela motivação da criança. Vygotsky (1987) coloca que no cotidiano das crianças, elas observam o que os outros dizem, porque dizem o que falam, porque falam, internalizando tudo o que é observado e se apropriando do que viu e ouviu. Recriam e conservam o que se passa ao redor.

Segundo Taille, Oliveira & Dantas (1992), o ambiente consiste no conjunto das substâncias ou condições em que existe determinado objeto ou em que ocorre determinada ação. Segundo os autores, por muitos é dado à educação o nome de ambiente de auto-educação.

A palavra ambiente é quase sempre conceituada por um conjunto de condições, de substâncias, de sistemas, no qual o ser humano faz parte e é parte integrante.

O bom ou mau andamento desse conjunto é o que determina a qualidade de vida do homem, ou seja, os fatores que influenciam a sua vida social, psicológica, cultural, moral, escolar, que constituem, por sua vez, diferentes ambientes.

Essa descoberta dos fatores sociais externos à educação formal escolar e a importância dos processos de socialização na formação do indivíduo, permitiu fundamentar a valorização da aprendizagem experiencial e o potencial formativo das diferentes situações sociais e diferentes ambientes de convívio. (Candau e Sacavino, 2003)

Ainda conforme as autoras, é possível vislumbrar uma diversidade de modalidades educativas difusas e completamente distintas do modelo escolar que permitem vislumbrar que a integração da ação educativa decorre da articulação entre a dimensão do sujeito, do tempo e do ambiente que vive.

2.1.2 AS DESIGUALDADES SOCIAIS

As más condições de vida e subsistência de grande parte da população escolar brasileira, assim, como as péssimas condições econômicas, são responsáveis dentre outros fatores, pela fome e desnutrição. (IBGE, 2000)

A falta de moradias adequadas e de saneamento básico, enfim, todo o conjunto de privações com o qual convivem as classes sociais menos

privilegiadas surge como o elemento explicativo fundamental para o baixo rendimento escolar. (idem, 2000)

O Brasil, como se sabe, é um dos países mais desiguais do mundo. Tal desigualdade reduziu um pouco nos últimos anos, em função dos aumentos dos ganhos reais do salário mínimo, da geração de empregos formais e das transferências governamentais para programas sociais. Mas é ainda muito elevada.

Um dos elementos fundamentais entre as causas da desigualdade brasileira reside na desigualdade no acesso à educação. Segundo pesquisas, a chance de um filho de um pai com menos de um ano de estudo repetir a escolaridade do pai é muito alta: 34%. Além disso, a probabilidade desta criança fazer o ensino superior é de apenas 1%. No outro extremo, uma criança cujo pai tenha o ensino superior, tem 60% de probabilidade de obter também um curso superior. (INEP, 2003)

Aqueles em melhor condição financeira, portanto, tem enorme vantagem em termos de aproveitamento das oportunidades do mercado de trabalho, o que acaba perpetuando a desigualdade social.

Certamente não podemos atribuir o fracasso escolar unicamente associado às condições de exclusão social, mas um país que ocupa o 8º lugar em desigualdade social no mundo, segundo o relatório do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), não pode descartar a influência destes dados no baixo rendimento escolar observado nas escolas públicas do país. (INEP, 2003)

Partindo da concepção de que a sociedade capitalista se estrutura a partir das relações de produção, orientadas pelo capital, a relação entre os indicadores educacionais e a desigualdade de renda deve ser prioridade em uma análise acerca da desigualdade social e os níveis educacionais da população. (Ponce, 2005)

No contexto da sociedade capitalista, os indicadores responsáveis pela mensuração da desigualdade social no país, seguem o fluxo da disparidade econômica e da concentração de renda. (Abramovay, 2003)

A desigualdade de renda pode ser observada por alguns dados obtidos por Pochmann e Cols, (2004), revelam que as cinco mil famílias mais ricas do Brasil

representam o equivalente a 0,001% das famílias brasileiras, ao mesmo tempo em que detêm 40 % do produto interno bruto.

Em contrapartida, das 34 milhões de pessoas entre quinze e vinte e quatro anos de idade, 40% vivem em situação de extrema pobreza. O foco desta análise refere-se à relação entre a desigualdade de renda e os indicadores educacionais, partindo da compreensão de que o Brasil é um dos países que apresenta uma maior disparidade econômica entre os segmentos populacionais.

A análise de alguns indicadores educacionais revela a relação existente entre as condições econômicas da população e os níveis educacionais dos diferentes segmentos sociais.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2000) revelam um alto índice de evasão escolar no Brasil. Segundo esta instituição, considerando que a escolaridade básica é de nove anos, pessoas de doze a quatorze anos que vivem com uma renda familiar per capita acima de dois salários mínimos têm uma média de 6,4 anos de estudo, enquanto aquelas que vivem abaixo deste rendimento apresentam uma média inferior (3,4 anos de estudo).

Isso se repete em todos os grupos de idade. Entre dezoito e vinte e quatro anos, por exemplo, aqueles que vivem acima de dois salários mínimos, per capita, apresentam a média de 10,6 anos de estudo e os que vivem abaixo deste rendimento, 4,6 anos (IBGE, 2000).

A desigualdade de renda também se configura como parte dos índices de defasagem idade/ série. Regiões como o Norte e o Nordeste (duas regiões que concentram o maior número de pobres e miseráveis no país) são as que apresentam um número maior de pessoas de quatorze anos na situação de defasagem escolar (89,4% e 89,9 % respectivamente).

Mesmo no caso daquelas regiões consideradas mais ricas, como é o caso do Sul e Sudeste, os índices de defasagem são altos. Estas duas regiões apresentam, por exemplo, 66,1 e 68,0 % respectivamente de alunos na idade de quatorze anos em situação de defasagem escolar (IBGE, 2000).

A evasão escolar e a defasagem idade/ série parecem estar diretamente relacionadas à necessidade de complementação da renda familiar. De acordo com o IBGE (2000) dos jovens de 15 anos de idade, apenas 16,53% estão na

Educação (Lei 9394/96), artigo 1º, 2º, 6º e 12; Plano Nacional de Educação (aprovado pela lei nº. 10172/2007), que define como uma de suas diretrizes a implantação de conselhos escolares e outras formas de participação da comunidade escolar (composta também pela família) e local na melhoria do funcionamento das instituições de educação e no enriquecimento das oportunidades educativas e dos recursos pedagógicos.

A família é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, independentemente de sua formação. É no meio familiar que o indivíduo tem seus primeiros contatos com o mundo externo, com a linguagem, com a aprendizagem e aprende os primeiros valores e hábitos. Tal convivência é fundamental para que a criança se insira no meio escolar sem problemas de relacionamento disciplinar, entre ele e os outros. (Gokhale, 1980)

A sociedade surge por uma parceria de sucesso entre famílias e escolas, pois acredita-se que só assim poderemos realmente fazer uma educação de qualidade e que possa promover o bem estar de todos.

Só assim poder-se-á alcançar uma sociedade coerente em que seus agentes conheçam e cumpram seus papéis em todos os processos, sobretudo, no processo educacional.

O adulto é considerado por Vigotsky (1987) como um mediador no processo de desenvolvimento da criança e oferece instrumentos para a apropriação do conhecimento. Porém, a internalização dos recursos disponíveis no ambiente, ocorre de forma individual, variando de uma criança para outra.

Tal conceito também pode ser verificado em Vigotsky (1987) ao considerar a aprendizagem como profundamente social, afirma que quando os pais ajudam e orientam a criança desde o início de sua vida, dão a ela uma atenção social mediada, e assim desenvolvem um tipo de atenção voluntária e mais independente, que ela utilizará na classificação e organização de seu ambiente.

Tal consideração se baseia no fundamento de que o homem torna-se humano, apropriando-se da humanidade produzida historicamente. O ensino tem, nesse contexto, a função de transmitir as experiências histórico-sociais que se modificam no decorrer dos tempos.

Ao analisar as transformações familiares ocorridas na contemporaneidade, (Kehl, 2001 *apud* Orsi, 2003, p. 69) ressalta o caráter nostálgico atribuído à família ideal, nuclear e estruturada, que gera uma espécie

de dívida tanto da família quanto da mulher atual, fomentada pela indústria cultural e pelos meios de comunicação. O peso maior desta dívida recai sobre a mulher, que foi quem mais abandonou suas posições tradicionais na família nos últimos tempos.

A família contemporânea, configurada sob novos arranjos, tem sido muitas vezes considerada como desestruturada, o que fundamenta a justificativa do grande aumento no número das psicopatologias de diferentes ordens, incluindo as dificuldades na aprendizagem escolar. (idem, 2003)

Isso tem resultado em uma busca significativa por atendimentos psicoterápicos e psicopedagógicos, frente às falhas da criança em conseguir acompanhar o que se determina atualmente como um desenvolvimento normal da aprendizagem na escola. (idem, 2003)

O excesso de informações e de referenciais que norteiam a educação de filhos ocorre para Kehl (2001 *apud* Orsi, 2003, p. 71) na proporção inversa da autoridade dos pais.

Na cultura atual, marcada pelo narcisismo e pelo individualismo, os filhos se tornaram a esperança de imortalidade e de perfeição para os pais. Assim, esta expectativa envolvida por desejo de garantias e de certezas, muitas vezes impede os pais de por si só se responsabilizarem pela educação dos filhos, para não correrem o risco de errar sozinho e, sobretudo, de carregarem a culpa pelos problemas apresentados pelos filhos.

Portanto, ao autores ainda argumentam que apesar de todos os avanços da modernidade, uma família presente em todas as etapas de desenvolvimento da criança, inclusive a escolar, preservando os valores éticos de convívio entre os seres, capaz de transmitir através do exemplo uma cultura de humanização é hoje e sempre será fator determinante na formação plena do caráter do indivíduo.

2.2 FATORES INTERNOS

Constituem-se como fatores internos a própria estrutura e funcionamento da escola. O ambiente onde ocorre às práticas educativas, sem dúvida, interfere favoravelmente ou não nos resultados dessas práticas.

O cuidado com o ambiente físico da escola também é de suma importância para o desenvolvimento da aprendizagem, pois, como afirma o educador Eduardo D' Amorim,

Tudo na escola deve ser feito para educar. Tudo. Assim, a sujeira deseduca, o abandono deseduca, a desorganização deseduca. Por outro lado, a limpeza educa, a organização educa, as paredes educam, os quadros educam, as plantas educam. Por isso a estrutura física para mim é importante para a visualização da seriedade do processo e da concepção que se tem da escola. (*apud* LUZ e JESUS, 2006, p. 46)

Assim sendo do ponto de vista pedagógico, a sala de aula não pode ser encarada apenas como local destinado a abrigar alunos e professores durante o trabalho escolar, pois ela é, antes de tudo, um meio educativo.

Dessa forma, os recursos físicos e didáticos de que dispõe a escola devem ser considerados. Em relação aos recursos didáticos é preciso que sejam utilizados pelos professores como material pedagógico e que os alunos tenham acesso a eles. De nada adianta, por exemplo, um laboratório de informática fechado a maior parte do tempo e que os professores não saibam utilizar em suas aulas. Uma das providências é melhorar a qualificação dos professores e formá-los para poderem elaborar um ensino de qualidade. (Luz e Jesus, 2006)

Thiago de Melo citado por Costa (1994) afirma que:

Há uma contradição muito grande entre a capacidade da criança em casa, fora da escola e na escola. Tanto nas queixas' da escola quanto na avaliação pedagógica diagnóstica, os dados mostram uma grande discrepância entre o rendimento da criança nas atividades escolares e seu desempenho em casa (*apud* LUZ e JESUS, 2006, p. 84).

Pode-se dizer que a decadência da escola pública no Brasil se dá a partir do momento em que ela recebe pouco investimento. Atualmente, o problema é que temos um aluno insatisfeito socialmente e economicamente que vai para a escola com a perspectiva inicial de que, com o estudo, vai conseguir melhorar sua vida. Mas chega lá e encontra uma escola que não está preparada para recebê-lo e isso termina fazendo com que ele se desiluda ainda mais.

O presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Roberto de Leão, em entrevista a IHU On-Line, afirma que há muito tempo a escola pública passa por problemas sérios e bastante discutidos. Segundo ele, o professor tem como principal tarefa disseminar o conhecimento, porém, tem dividido seu tempo para desempenhar atividades que não deveriam estar no seu

dia-a-dia. "Eles passaram a ter funções que, na verdade, são de psicólogos, assistentes sociais, e até dos pais", disse Leão.

O pesquisador francês radicado no Brasil, Bernard Charlot, busca explicar em suas pesquisas de maneira mais abrangente e menos preconceituoso histórias de sucesso e fracasso escolar.

Charlot (2000) escreve que o processo de aprendizagem se estabelece desde o nascimento e que essa apropriação desencadeia três processos: de hominização (tornar-se homem), singularização (tornar-se exemplar único) e socialização (tornar-se membro de uma comunidade).

O ato de construir-se e ser construído pelos outros é a própria Educação, entendida de forma ampla, em situações que ocorrem dentro e fora da escola. É por meio de suas experiências que a criança toma contato com as muitas maneiras de aprender.

Ela pode adquirir um saber específico, no sentido de compreender um conteúdo intelectual (a gramática, a Matemática, a história da arte etc.), pode dominar um objeto ou uma atividade (como caminhar, amarrar os sapatos, nadar etc.) e pode aprender formas de se relacionar com os outros no mundo (saber como cumprimentar as pessoas, ter boas maneiras à mesa etc.).

Nesse ir-e-vir da relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo, toma forma o desejo de aprender. É esse desejo que propulsiona a criança em direção ao saber.

Em pesquisas de campo, Charlot (2000) e sua equipe identificaram que esse "direcionar-se para o saber" pressupõe um movimento de mobilização - e não simplesmente de motivação.

O conceito de mobilização se refere à dinâmica interna, traz a idéia de movimento e tem a ver com a trama dos sentidos que o aluno vai dando às suas ações. A motivação, por sua vez, tem a ver com uma ação externa, enfatizando o fato de que se é motivado por alguém ou algo. (Charlot, 2000)

Os estudos de Charlot apontam que a maioria dos estudantes - quase 80% deles - só vê sentido em ir à escola para conseguir um diploma, ter um bom emprego e ganhar dinheiro e levar uma vida tranquila.

Nesse discurso, não há a menção ao fato de aprender. Esses jovens que ligam escola e profissão sem referência ao saber estabelecem uma relação mágica com ambos. Além disso, Charlot (2000) ainda diz que sua relação

cotidiana com o estudo é particularmente frágil na medida em que aquilo que se tenta ensinar aos jovens não faz sentido em si mesmo, mas somente em um futuro distante.

Recuperar o sentido do aprender e o prazer em estudar está entre os desafios de hoje. A atividade escolar precisa se apresentar de forma significativa, prazerosa, para merecer o esforço intelectual dos alunos no sentido de se apropriar de diversas porções de saberes produzido pela humanidade.

Não há uma receita pronta para isso. O que não basta para Charlot (2000) é dar a situação por resolvida ao justificar o desinteresse ou o fracasso de alunos por causa da classe social da família ou das carências culturais inerentes à origem deles.

Segundo o francês, pensar de maneira determinista lança uma leitura negativa sobre a realidade. Em vez disso, ele sugere uma leitura positiva do indivíduo, levando em conta sua história de vida, seus desejos e suas atividades cotidianas.

Ainda segundo Charlot (2000, p.19), “a sociologia dos anos 60 e 70 analisou o fracasso escolar em termos de diferenças entre posições sociais”. O mesmo autor lembra que as “sociologias ditas de reprodução” tiveram, entre seus expoentes, estudos de Bourdieu, Passeron, Baudelot, Establet e outros, e que a partir dos anos 60, para vários desses sociólogos, “(...) explicar o fracasso escolar é explicar por que - e, às vezes, como - os alunos são levados a ocupar essa ou aquela posição no espaço escolar” (2000 p.19).

O fracasso escolar não estaria mais vinculado ao que Charlot chama de “(...) uma chave disponível para interpretar o que está ocorrendo nas salas de aula, nos estabelecimentos de ensino, em certos bairros, em certas situações sociais” (2000 p: 14).

Charlot afirma categoricamente que “‘o fracasso escolar’ não existe; o que existe são alunos em situação de fracasso” (2000, p.16). Para o autor os sintomas apresentados com a denominação de fracasso escolar são mesmo reais e apontam para a existência de causas, entretanto, “(...) não existe um objeto ‘fracasso escolar’, analisável como tal. Para estudar o que se chama o fracasso escolar, deve-se, portanto, definir um objeto que possa ser analisado”. (Charlot, 2000, p.16)

Charlot (2000) afirma que a relação com saber envolve três questões básicas: qual o sentido de ir à escola para uma criança; qual o sentido de estudar e qual o sentido de aprender, na escola ou fora da mesma.

Nesta mesma obra, o autor afirma que os professores se contradizem ao tentar explicar o fracasso ou o sucesso dos alunos. Se fracassam, segundo eles, a culpa é exclusiva dos alunos e de suas famílias. Se forem de classes populares e não fracassam recorrem à noção de dom, ou seja, escaparam do fracasso por serem bem dotadas. Não se trata de buscar o que o aluno não sabe o que ele não tem, mas de se compreender como essa situação foi construída.

Para dar significado ao saber escolar entra em cena a figura imprescindível do professor, que para desenvolver sua atividade profissional satisfatoriamente precisa necessariamente ter uma boa formação.

Existe aqui um primeiro obstáculo, pois, pesquisas atuais comprovam que a maioria dos cursos de formação para professores não têm preparado para a realidade encontrada por eles nas escolas.

Em pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas em 2008, este panorama da educação brasileira é revelado. "Há uma ênfase muito grande nas questões estruturais e históricas da Educação, com pouquíssimo espaço para os conteúdos específicos das disciplinas e para os aspectos didáticos do trabalho docente", resume Bernardete Gatti, diretora de pesquisas da Fundação Carlos Chagas e coordenadora dos estudos, em artigo publicado pela Nova Escola (2008).

Gatti (2008) afirma ainda que "As universidades parecem não se interessar pela realidade das escolas, sobretudo as públicas, nem julgar necessário que seus estudantes se preparem para atuar nesse espaço".

Esteban (2001) vê a competência do professor subordinada à ética, à estética e à política. Afirma ainda que ensinar não é transferir conhecimento, pois antigamente o papel da escola, era de transmitir conhecimentos porque era um dos poucos espaços existentes que trabalhavam com o do saber elaborado. Atualmente, diante de novos espaços de informação, a escola e o professor passam a ter uma outra característica que é a de gerenciar, de dar sentido ao conhecimento e a escolher o conhecimento.

Diante dessa constatação, a profissão de educador deixa de ser a de transmitir conhecimento para assumir a tarefa de organizador do conhecimento e do trabalho do aluno. (idem, 2001)

A escola pública brasileira, mediante a forma como organiza seu trabalho pedagógico estabelece seus regulamentos, ritmos e rituais, ainda está longe de produzir o sucesso escolar e de alcançar os fins educacionais assegurados constitucionalmente. (idem, 2001)

Notoriamente são os alunos das camadas menos favorecidas economicamente da população brasileira que engrossam as estatísticas da repetência, da evasão e do abandono escolar, constituindo-se numa faceta do fracasso escolar.

São eles, antecipadamente, excluídos do sistema de ensino quer seja pela insuficiência de ofertas de vagas nas escolas públicas, quer seja pela qualidade do ensino duvidosa que propaga, instituindo-se uma cultura do fracasso e da exclusão escolar. (Esteban, 2001)

A escola pública como está estruturada atualmente não tem conseguido cumprir o seu papel social, que é o de transmitir o conhecimento historicamente acumulado de forma significativa, primando pelo diálogo.

É preciso uma mudança significativa, começando pelas políticas públicas para a educação, formação de professores, novas formas de gestão e participação da comunidade.

Nos últimos anos, alguns avanços foram alcançados no Brasil na área de educação, como por exemplo, a universalização do ensino fundamental. Os dados oficiais indicam diminuição nos índices de analfabetismo e aumento no número de pessoas que concluem o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. (IBGE, 2000)

No entanto, não basta garantir o direito de todos à escola. É preciso assegurar também as condições para que todas as crianças possam permanecer na escola e progredir em seus estudos, garantindo-lhes uma educação de qualidade.

É preciso reconhecer a importância de uma participação maior e mais efetiva da comunidade no cotidiano escolar. A participação da comunidade na escola está prevista na Constituição Federal de 1988. O Estatuto da Criança e do

Adolescente também estabelece que a educação deva ser incentivada e promovida com a colaboração da sociedade.

Da mesma forma, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.396, de 20 de dezembro de 1996) traz um conceito ampliado de educação, entendendo que a gestão democrática é um método gerencial que deve ser adotado.

Para ir além do que já foi conquistado com a universalização do ensino fundamental é preciso que todos se mobilizem: governos, educadores, funcionários, alunos, familiares e organizações da sociedade. Somente com a mobilização de todos os setores da sociedade será possível assegurar um ensino público e gratuito, de qualidade e acessível a todos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pretende com estas breves considerações esgotar-se os aspectos extra e intra escolares que influenciam no rendimento escolar, por tratar-se de assunto bastante amplo.

Nem mesmo considerar que foi possível revelar toda a complexidade que envolve cada um dos fatores abordados neste trabalho. Espera-se, no entanto que tenha contribuído para uma melhor compreensão do quadro atual em que se encontram as escolas públicas do país em relação ao rendimento escolar dos alunos e o que revelam as pesquisas sobre o tema.

À luz dos estudos de Charlot e sua equipe observou-se que embora fatores como a exclusão social e a família são fatores externos de extrema relevância para o desempenho escolar dos alunos, o que determina o sucesso ou fracasso escolar são as relações singulares de cada indivíduo com o saber.

Senão, como explicar que alunos da mesma classe social, estudando na mesma escola obtenham resultados diferentes de fracasso ou de sucesso escolar.

O desafio que surge em relação aos fatores internos que influenciam no rendimento escolar é que a escola consiga resgatar o significado e o prazer em aprender e especialmente que o professor exerça satisfatoriamente sua atividade profissional.

Torna-se necessário acreditar nestes alunos que embora venham de uma situação de exclusão social e carência cultural, possam criar vínculos com a escola e com o saber que lhes proporcione uma trajetória de sucesso escolar.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. Enfrentando a violência nas escolas: um informe do Brasil. In ABRAMOVAY, M (org.), **Violência na escola: América Latina e Caribe**. Brasília: UNESCO, 2003.

CANDAU, Vera Maria, SACAVINO, Susana. **Educar em direitos humanos: construir democracia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber. Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GATTI, Bernardete. Formação inicial: a origem do sucesso (e do fracasso) escolar. **NOVA ESCOLA**, Rio de Janeiro, n. 216, out/2008.

GOKHALE, S.D. A Família Desaparecerá? In: **Revista Debates Sociais** nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro: CBSSIS, 1980.

IBGE. **Censo demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

INEP. **Censo da Educação Superior: resumo técnico**. Ministério da Educação: INEP, 2003

LUZ, Ana Maria de Carvalho, JESUS, Tércio Rios de Jesus. **A formação de gestores educacionais: desafios e perspectivas de saberes em construção**. São Paulo: ISP/UFBA, 2006.

ORSI, Maria Julia Scicchitano. Família: reflexos da contemporaneidade na aprendizagem escolar. In: I Encontro Paranaense de Psicopedagogia. São Paulo: ABPppr – nov./2003. pp. 67-74

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e Conhecimento**. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

POCHMANN, M; BARBOSA, A; CAMPOS, A; AMORIN, R e ALDRIN, R. (orgs). **Atlas da exclusão social: a exclusão no mundo**. v4. São Paulo: Cortez, 2004

RESENDE, Tânia de Freitas. **Entre escolas e famílias: revelações dos deveres de casa**. Paidéia (Ribeirão Preto). 2008, vol.18, n.40, pp. 385-398.

VYGOTSKY, Lev Semenovich **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.